

Mais que
um
Carpinteiro



Josh McDowell

Sean McDowell

Ficha técnica:

Título: Mais que um carpinteiro

Título original: More than a carpenter

Autor: Josh McDowell

Coordenação editorial: Carlos Cunha

Tradutor: Jónatas Pires

Revisão de Texto: Judite Henriques, Ana Cunha e Carlos Cunha

Projeto gráfico, paginação e capa: Bruno Pires - rabiscarte.pt

ISBN: 9789895315314

Depósito legal:

Impressão e acabamentos: FIG - Indústrias Gráficas, SA - www.fig.pt

More Than a Carpenter

Josh McDowell, Sean McDowell

Copyright 2009 by Josh McDowell Ministry

All rights reserved

Todos os direitos reservados

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrónicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem a prévia autorização, por escrito, da editora



Centro de Literatura Cristã

CLC Portugal

Avenida Emídio Navarro, 89

3000-151 Coimbra

www.clcportugal.com

encomendas@clcportugal.com



*Dedicado ao Dick e à Charlotte Day,
cujas vidas sempre refletiram que
Jesus foi mais do que um carpinteiro*

Sumário

Prefácio	5
1. A minha história.....	7
2. O que torna Jesus tão diferente?	13
3 Louco? mentiroso? divino?.....	27
4. E a ciência?	39
5. O desafio do novo ateísmo.....	43
6. Podemos confiar nos registos bíblicos?.....	59
7. Quem morreria por uma mentira?	81
8. De que serve um messias morto?	93
9. Souberam o que aconteceu a Saulo?.....	99
10. Será possível manter calado um homem bom?	109
11. Está por aí o verdadeiro messias?.....	123
12. Não haverá outro caminho?.....	131
13. Ele mudou a minha vida	137
Acerca dos autores	145
Notas.....	146

Prefácio



Quando, em 1976, me sentei com doze blocos de apontamentos, quarenta e oito horas de tempo livre e muito café para escrever o livro que viria a ser o *Mais Que Um Carpinteiro*, fi-lo porque queria ajudar os seguidores de Jesus a responderem a perguntas sobre a sua fé, e inspirar todos os que estivessem numa busca espiritual a analisarem, de forma honesta, as afirmações de Jesus. Nunca sonhara que a história da minha jornada pessoal, que iniciou no ceticismo e me levou a acreditar, viria a vender mais de vinte milhões de livros, ser traduzida para quase cem idiomas e inspirar leitores de todo o mundo a considerarem fé como possibilidade. De cada vez que alguém me diz que este livro fez a diferença na sua vida, recebo essas palavras com humildade e sinto-me honrado.

Continuo, no entanto, a surpreender-me com tudo o que aconteceu no mundo desde o lançamento de *Mais Que Um Carpinteiro*. Fizeram-se (e continuam a fazer-se) descobertas que alumiam a historicidade de Jesus Cristo. Os «novos ateus» entraram na cultura popular, publicando livros a proclamar o fim da fé e a ruína de Deus. E embora a geração atual enfrente um enorme conjunto de novos problemas e escolhas, ela continua a ter de se confrontar com perguntas intemporais: Quem é Jesus? Que provas existem de que ele era o Filho de Deus? E mesmo que seja verdade, que diferença faria na minha vida?

Por tudo isto, decidi que era hora de atualizar esta obra e trazê-la para o século XXI. Convidei o meu filho, Sean, conhecido orador, professor e autor nas áreas da apologética e da Bíblia, para me ajudar a refrescar o livro. O Sean contribuiu com as suas sólidas credenciais académicas (um mestrado em Filosofia e outro em Teologia), além da experiência acumulada enquanto autor, oferecendo uma perspectiva acerca da fé pós-moderna que é bem-vinda. Colaborámos na escrita de um capítulo inteiramente novo, na revisão dos existentes, na elaboração de perguntas para discussão e num novo grafismo. O resultado é uma edição nova de *Mais Que Um Carpinteiro* que, não obstante, mantém o seu carácter implacável na análise dos factos e na procura da verdade.

Tanto eu como o Sean desejamos, do fundo do coração, que este livro transforme uma nova geração de pessoas que procuram a claridade espiritual.

Capítulo

I

A MINHA HISTÓRIA

Tomás de Aquino, filósofo do século XIV, escreveu que «em cada alma existe uma sede de felicidade e sentido». Comecei a sentir esta sede na adolescência. Queria ser feliz e que a minha vida tivesse sentido. Foi então que as três perguntas elementares que assombram todos os seres humanos passaram a perseguir-me: Quem sou eu? Porque estou aqui? Para onde vou? Queria encontrar as respostas e, sendo um jovem estudante, fui à procura delas.

∞
O que acha?
Concorda com o filósofo Tomás de Aquino, que disse que em cada alma existe uma sede de felicidade e sentido?

No lugar onde nasci, toda a gente parecia estar ligada à religião. Portanto, pensei que ser uma pessoa religiosa me traria as respostas que procurava. Dediquei-me a 150 % à igreja: estava lá sempre que as portas abriam, fosse de manhã, à tarde ou à noite. Devo, no entanto, ter escolhido a igreja errada, porque me sentia pior lá dentro do que fora dela. Por ter sido criado numa quinta no estado do Michigan, herdei um pragmatismo rural que me ensinou a desfazer-me daquilo que não funciona e, portanto, liberei-me da religião.

Depois, pensei que seria a educação a explicar o sentido da minha vida, por isso fui estudar para a universidade. Não demorou muito até me tornar no aluno mais impopular junto dos professores, já que os encurralava nos escritórios e chateava para conseguir respostas. Ao me

verem chegar, desligavam as luzes, corriam os estores e trancavam as portas. A universidade é um lugar onde se pode aprender muito, mas não encontrei as respostas que procurava. Tanto os professores, como os meus colegas, viviam com a mesma quantidade de problemas, frustrações e perguntas sem resposta do que eu.

Certo dia, vi um aluno no campus envergando uma camisola que dizia: «Não me sigam, estou perdido.» Esta frase resume como todos me pareciam estar na universidade e, então, concluí que a educação não era a resposta.

Comecei a pensar que, talvez, o prestígio me trouxesse felicidade e sentido. Encontraria uma causa nobre, dedicar-me-ia a ela e, no processo, tornar-me-ia conhecido na universidade. Ali, as pessoas mais prestigiadas eram os líderes estudantis, que também decidiam como e onde se gastava o dinheiro. Logo, fiz por ser eleito para vários cargos estudantis. Conhecer toda a gente no campus, tomar decisões importantes, gastar os fundos da universidade para comprar a aparelhagem que queria e o dinheiro dos alunos em festas: foi uma experiência arrebatadora.

Só que a adrenalina do prestígio dissipava-se tal como tudo o que experimentara antes. Acordava na manhã de segunda-feira, geralmente com uma dor de cabeça por causa da noite anterior, apavorado com a ideia de enfrentar mais cinco dias miseráveis. Sobrevivia de segunda a sexta, vivia para as noites de farra de sexta a domingo e, na segunda-feira, recomeçava aquele ciclo sem sentido.



Todos acreditavam que eu era o homem mais feliz no campus. Mas a minha vida era um inferno.

Não deixava transparecer que a minha vida não tinha rumo porque era demasiado orgulhoso. Quem me rodeava via em mim o homem mais feliz do campus, sem nunca suspeitar que a minha felicidade era um embuste, pois dependia das circunstâncias. Se a vida me corria bem, sentia-me bem. Se corria mal, sentia-me mal; apenas não o mostrava.

Era como um barco à deriva no oceano, sacudido pelas ondas em todas as direções. Andava sem leme, direção ou controlo. No entanto, não encontrava quem vivesse de forma diferente, ninguém que me mostrasse outra maneira de viver. Estava frustrado. Não, era pior do que isso. A palavra que descreve a minha vida nessa altura é: inferno.

∞
O que acha?
Gosta de estar na companhia
de pessoas que têm convicções?
É uma experiência revigorante
ou frustrante? Porquê?

Foi por esses dias que reparei num pequeno grupo de pessoas — oito alunos e dois professores — que pareciam ser diferentes. Aparentavam saber quem eram e para onde iam, e tinham convicções. É reconfortante encontrar gente com convicções e aprecio este tipo de companhia. Admiro quem acredita em algo e defende aquilo em que crê, mesmo que eu não esteja de acordo.

Para mim, era claro: eles tinham algo que me faltava. A felicidade delas causava-me repulsa, especialmente porque não dependia das circunstâncias da vida universitária: era constante. Pareciam ter uma fonte de alegria interior, o que me deixou curioso acerca da origem da mesma.

Houve mais uma coisa que chamou a minha atenção: as atitudes e a maneira como se tratavam uns aos outros. O amor que havia entre eles era genuíno, mas não se limitava ao grupo, já que tratavam toda a gente da mesma maneira, incluindo os de fora. E não estou a dizer que só falavam de amor; eles envolviam-se na vida das pessoas, ajudando-as com as suas necessidades e problemas. Tudo era uma estranha novidade, mas algo nela me atraía muito.

Tal como a maioria das pessoas, quando vejo algo que quero, mas não tenho, começo a pensar numa forma de o conseguir. Portanto, decidi tornar-me amigo destas pessoas intrigantes.

Algumas semanas depois, estava sentado numa mesa da associação de estudantes, a conversar com alguns membros do grupo, quando o tema foi dar a Deus. O ceticismo e a insegurança que tinha acerca do

tema eram grandes, por isso tentei logo disfarçá-los. Recostei-me na cadeira e fingi estar-me nas tintas para o assunto.

«Pfff, cristianismo!», disparei. «Isso é para fracos sem nada na cabeça, não para intelectuais.» Claro que, por trás de toda a minha fanfarronice, queria mesmo saber o que estas pessoas tinham, mas o meu orgulho impedia-me de revelar a urgência dolorosa da minha necessidade. O tema incomodava-me, mas não o conseguia deixar em paz e, portanto, virei-me para uma das alunas (bastante gira por sinal, eu que achava que todos os cristãos eram feios) e disse: «Conta-me lá o porquê de seres tão diferente de todos os outros alunos e professores nesta universidade? O que mudou a tua vida?»

Sem hesitação ou embaraço, ela fitou-me com olhos sérios e pronunciou duas palavras que nunca pensei ouvir numa conversa inteligente num campus universitário: «Jesus Cristo».

∞
O que acha?

Para si, o que é a religião?

Se eu conseguisse demonstrar que a Bíblia, enquanto relato histórico, não era fíável, então podia provar que o cristianismo era uma fantasia inventada por sonhadores religiosos.

«Jesus Cristo?», retorqui. «Por amor de Deus, não me venhas com essas tretas. Estou farto de religião, farto da igreja e farto da Bíblia.»

Ela respondeu sem perder tempo: «Eu não disse *religião*, disse Jesus Cristo!» Com isto, fez-me ver algo que eu não conhecia: o cristianismo não é uma religião. Na religião, o ser humano tenta alcançar Deus através de boas obras. No cristianismo, Deus vem ao encontro do Homem por meio de Jesus Cristo.

Não acreditei naquela conversa. Surpreendido pela coragem e convicção da moça, pedi desculpa pela minha atitude. «Estou farto de religião e pessoas religiosas», expliquei, «não quero ter nada que ver com elas.»

Foi então que os meus novos amigos me desafiaram para algo inacreditável: fazer um exame rigoroso e intelectual das afirmações proferi-